

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MULHERES “DE COR” E HIERARQUIAS NO MUNDO DO TRABALHO URBANO NA HAVANA COLONIAL (SÉC. XIX): GÊNERO, CLASSE E RAÇA

Georgia Dominique Vanessa Cedraz Lopes¹

Universidade Federal da Bahia

georgiacedraz@gmail.com

RESUMO: A comunicação ora apresentada tem por objetivo analisar como as hierarquias forjadas sob gênero, classe e raça permearam o mundo do trabalho urbano em Havana, quando esta província colonial espanhola estava mergulhada nas guerras por independência e abolição da escravidão que estalaram em Cuba, na segunda metade do século XIX. Nesse período, em Havana, como em outros centros urbanos coloniais, mulheres e homens “de cor” (livres, libertos/as e escravizados/as) e brancos/as exerciam uma gama de atividades laborais; todavia, a existência de uma série de hierarquias que caracterizaram a sociedade colonial espanhola indicam diferenças entre as experiências vividas por estes homens e mulheres; brancos/as e não brancos/as. Analisando fontes produzidas pela administração colonial, produções literárias, periódicos, dentre outras, concluímos a princípio que, as atividades que exigiam maior esforço físico, rendiam menor remuneração e tinham menos prestígio social, eram executadas majoritariamente por homens e mulheres “de cor”; documentos históricos evidenciaram, ainda, como o mundo do trabalho colonial era perverso com as mulheres, em especial, as negras e mestiças.

Palavras-chave: trabalho urbano, escravidão, hierarquias.

Em 1870 a *Inspeccion de Vigilancia* do distrito norte de Matanzas, distrito fronteiriço à Havana, registrava uma série de atividades exercidas por *livres de cor*: lavadeira, costureira, açougueiro, cozinheiro, aprendiz, campo, escola.² O documento,

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); professora efetiva da Rede Pública de Educação Básica do Estado da Bahia; integrante da Linha de Pesquisa *Escravidão e invenção da liberdade*. Algumas fontes e conclusões apresentadas neste texto são parte da dissertação de mestrado intitulada “Trabalhando por conta própria”: mulheres de cor e trabalho urbano na Havana entreguerras (1868-1880)” defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA); pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

² “Entre os chamados *livres de cor*, em Cuba, estavam os [homens e mulheres negros e mestiços] nascidos livres ou os que, através da alforria, haviam conseguido a liberdade; em Cuba, não era comum, como no Brasil, o uso do termo liberto, que aparece raramente na documentação”. O termo moreno/a em Cuba era sinônimo de negro/a. “Em Cuba como no Brasil operava um complexo sistema de classificação social

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

todavia, dividia as atividades em duas categorias: ofício e ocupação. É possível que as denominadas *ocupações* estivessem relacionadas às atividades que não exigiam maiores qualificações, mas sim, esforço físico, ou ligadas à natureza da idade do/a registrado/a, a exemplo das ocupações identificadas como escola, colégio, campo, jornaleiro/a, aprendiz e lavadeira. As atividades registradas no documento como *ofícios*, por sua vez, ao exigir um maior grau de qualificação, talvez englobassem as costureiras e parteiras. No documento há o registro de pessoas a partir de um ano de idade, daí a necessidade de determinar como ocupação os termos escola e colégio.³

Este documento indica que, em Havana, como em outros centros urbanos coloniais, durante o século XIX, mulheres e homens de cor, livres, libertos/as e escravizados/as exerciam uma gama de atividades em uma diversidade de espaços; alguns/as destes/as trabalhadores/as alcançaram colocações profissionais e semiprofissionais (SCOTT, 1991, p.27); trabalhando lado a lado acumularam funções para conseguir sobreviver; livres e libertos/as pobres prestavam serviços à diária em domicílios, estabelecimentos comerciais e espaços públicos e, assim como os escravizados/as, num mesmo dia, muitas vezes executavam numerosas atividades laborais, em diferentes espaços de trabalho para diferentes contratantes.

Através dos dados reunidos no *Diccionario Geografico, Estadistico, Historico, de la isla de Cuba* publicado em 1863 também é possível entender melhor o mundo do trabalho colonial; o documento detalha as atividades laborais das quais se ocupavam brancos/as e indivíduos/as de cor livres da capital da colônia.⁴ Cabe destacar que, apesar

baseado na cor, e os termos negro, pardo, mulato, moreno (negro), trigueño (moreno), chino etc. referiam-se aos distintos tons de pele e eram manipulados, às vezes, em função da condição social”. MATA, 2015, p. 26, 42. Para esta pesquisa, as fontes primárias utilizadas só acionaram os termos pardo/a, moreno/a e mulato/a. O termo *criollo*, por sua vez, era usado em geral para os descendentes de europeus nascidos na América Espanhola; era usado também para os negros e mulatos, escravos ou livres, nascidos em Cuba. Iacy Maia Mata, *Conspirações da raça de cor: Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*, Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015, p. 45.

³ Relacion Nominal de los individuos de color libres que existen en este distrito, ANC, Fondo: Gobierno General; Legajo: 266; Número de Orden: 19595.

⁴ O *Diccionario Geografico, Estadistico, Historico de la isla de Cuba* elaborado em quatro volumes pelo espanhol Don Jacobo de la Pezuela foi uma fonte importante aqui utilizada. Em verdade, com o intuito de reportar à Metrópole informações da colônia caribenha – a “melhor província de ultramar”, nas palavras do próprio Pezuela – este peninsular reuniu detalhadas informações de Cuba; clima, geografia, agricultura, reino animal e, também, organização governamental. De modo minucioso, Jacobo de la Pezuela agrupou dados acerca da divisão política, militar, eclesiástica, judicial, marítima e administrativa da colônia; através de uma organização em ordem alfabética facilitou a localização de informações diversas de cada província que compunha Cuba. Deste modo, o Diccionario nos forneceu referência de preços de produtos e serviços;

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dos dados compilados neste dicionário se referirem à população de cor livre, as informações acerca do mercado de trabalho destes indivíduos/as, em alguma medida, nos dizem muito sobre o mercado de trabalho dos/as escravizados/as. Veremos que, apesar de haver uma hierarquia entre os/as de cor, as ocupações laborais destes/as indivíduos/as em muito se assemelhavam.

Mundo do trabalho e hierarquia – Em princípio, a análise dos censos compilados no *Diccionario* de 1863 indica que o mercado de trabalho colonial refletia a hierarquização social do período; isto é, as atividades que exigiam maior esforço físico, rendiam menor remuneração e tinham menos prestígio social, eram executadas majoritariamente por homens e mulheres de cor.⁵ O documento indica, ainda, que em Havana, atividades de maior prestígio e remuneração, que exigiam maior qualificação e escolaridade, eram exercidas, exclusivamente, por homens brancos. Advogados somavam 287; nenhum deles era um livre de cor. Os escreventes, por sua vez, somavam 262 profissionais; nenhum deles era negro ou pardo. Em se tratando do ramo do comércio, que envolvia as volumosas negociações de produtos para exportação, a administração de grandes empresas e estabelecimentos comerciais, muitos deles administrados por peninsulares, a assimetria era significativa: dos mais de 7 mil homens que eram comerciantes ou dependentes do comércio em Havana, conforme sinalizado no dicionário de 1863, apenas 267 eram homens de cor.⁶

Em algumas categorias ocupacionais havia equilíbrio entre os de cor e os brancos. Dos mais de 1 913 pedreiros registrados no censo referente à jurisdição de Havana, cerca de 1 060 eram homens de cor; brancos somavam 853. Entre os 13 aguadeiros registrados, 3 eram brancos e 10 negros ou pardos. Cozinheiros somavam 63 brancos e 137 de cor. Serventes somavam 109 brancos e 146 de cor livres. Dos que viviam “dedicados a seus bens”, 2 622 eram brancos e 1 026 de cor. De todo modo, os de cor seguiam sendo os mais numerosos a ocupar as atividades menos prestigiadas, que exigiam maior esforço físico.

detalhou dados da organização policial de Havana; reuniu censos, biografias, dentre outros dados sócioeconômicos relevantes. PEZUELA, Jacobo de la. *Diccionario Geografico, Estadístico, Histórico, de la isla de CUBA*. 1863, p. 134 e 135, Tomo III, disponível na Biblioteca Nacional da Espanha <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000041269&page=1>.

⁵ Pezuela, *Diccionario Geografico*, p. 350-371, Tomo III.

⁶ *Ibid.*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Quando analisamos a remuneração a partir do nível de escolaridade notamos um viés de classe e, assim, uma disparidade e diferença no pecúlio; homens brancos com acesso à educação, exercendo a função de “escrevente segundo” ganhavam 600 pesos mensais; um servente, atividade exercida por brancos e não-brancos, sem a exigência de maiores qualificações, recebiam uma remuneração de 180 pesos.⁷

Tais distinções também ocorriam na execução de uma mesma atividade executada por homens brancos e de cor, indicando aqui uma hierarquia racial; sobre os não brancos pesava a suspeição, que podia lhes impedir de exercer cargos de confiança ou receber uma remuneração equânime em relação a um homem branco. Ao analisar o trabalho dos homens negros na região portuária de Havana, os historiadores Pedro Deschamps Chapeaux e Juan Perez de la Riva (1974, p. 17-18) chegaram a esta conclusão. O trabalho nas docas *habaneras* constituíram uma zona onde homens de cor, africanos ou crioulos, livres ou escravos, recebiam um salário inferior mesmo executando as mesmas atividades de carga e descarga de mercadorias, que os homens brancos, peninsulares ou crioulos. Homens de cor estavam, inclusive, excluídos dos trabalhos de vigilância e estiva, a menos que estivessem registrados. As zonas e escalas erguidas e impostas pelo regime escravista para estabelecer uma divisão social do trabalho foram determinadas pela origem, a cor e o estado social dos indivíduos, fatores determinantes para distingui-los (CHAPEAUX, 1971, p.89).

Os serventes que trabalhavam no Hospital Geral Militar de Cuba em 1853 estavam classificados em categorias: 1ª, 2ª e 3ª; a remuneração entre eles variava; 1ª classe - 168 pesos, 2ª classe - 144 e 3ª classe - 120. Os cozinheiros, por sua vez, apesar de não estarem classificados por “classes”, também tinham remunerações distintas; dois deles recebiam 204 pesos e um outro, 168 pesos.⁸ É possível que a distinção de salários tenha sido elaborada conforme a qualificação destes sujeitos mas, também, de acordo com a origem, cor e *status* social, como indicaram Pedro Deschamps Chapeaux e Juan Perez de la Riva (1974).

Em verdade, em Cuba, desde as primeiras décadas do trabalho escravo houve uma preocupação em vigiar e dificultar qualquer atividade independente de homens e

⁷ Pezuela, *Diccionario Geografico*, p. 181 e 298, Tomo III.

⁸ Pezuela, *Diccionario Geografico*, p. 163, Tomo III.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mulheres *de cor*; legislações tentavam controlar e punir ações consideradas impróprias ou deletérias por proprietários/as de cativos/as e pela administração colonial; no século XIX, essa apreensão se acentuou devido ao contexto sócio-político interno e externo; a deflagração e prolongamento da Guerra de Dez Anos (1868-1878) e da Guerra Chiquita (1879-1880), dificultou o cotidiano dos/as *de cor*; o clima de tensão reverberou na vida dos/as trabalhadores/as urbanos/as de Havana tornando-os/as alvos reiterados de suspeição.⁹

Este cenário tem sido detalhado pela historiografia cubana e cubanista com estudos de fôlego; pesquisas indicam que, desde as primeiras décadas do século XIX, na tentativa de suplantiar qualquer tentativa de sublevação que pudesse resvalar no fim do sistema escravista e na independência da colônia mais valiosa do Caribe, isto é, diante de um contexto sócio-político desfavorável aos seus interesses, as autoridades coloniais ampliaram suas instâncias de vigilância, colocando a todos/as, independente da classe social, raça ou gênero, em suspeição.¹⁰ Neste contexto, os/as *de cor* foram sempre o alvo central das suspeitas por crimes comuns ou políticos; leis e outras deliberações administrativas indicam uma política colonial racializada, que tornava os/as *de cor* livres, escravizados/as ou libertos/as, um grupo permanentemente suspeito, identificado como mais suscetível ao crime; eram os/as *de cor* que sofriam as penas mais duras e tinham os corpos mais vigiados em espaços públicos ou particulares.

É possível que, a suspeição que pairava sobre os/as de cor, nos ajude a compreender porque nos censos da década de 1860 relativos ao *ayuntamiento* de Havana, nenhum integrante do corpo de polícia era um homem de cor, conforme verificamos no *Quadro 1*.

⁹ O primeiro movimento independentista de Cuba teve início em 10 de outubro de 1868 e se prolongou por dez anos. O longo conflito, denominado *Guerra de Dez Anos* ou *Grande Guerra*, só terminou em 10 de fevereiro de 1878, quando a liderança branca da insurreição selou um acordo com a Espanha, o *Pacto de Zanjón*; o fim da guerra foi negociado sem a independência e sem a abolição da escravidão. Em agosto de 1879 um segundo conflito começou reunindo insurretos inconformados com o pacto selado com os espanhóis. A nova ação independentista e abolicionista denominada *Guerra Chiquita*, contudo, não foi profícua, sendo sufocada pelo Exército Espanhol em dezembro de 1880. Em 24 de fevereiro de 1895 uma nova insurreição recomeçou, novamente na região oriental de Cuba; posteriormente, se estendeu pelo setor centro-oriental. Esse terceiro conflito bélico só terminou em 10 de dezembro de 1898, com a assinatura do Tratado de Paris, através do qual a Espanha se comprometia em se retirar de suas possessões de ultramar.

¹⁰ GARCÍA, 2003; SANTOS, 2012; MATA, 2015.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Quadro 1 – Ocupações relativas ao corpo de Polícia de Havana

Ocupações registradas no Terceiro Distrito (Catedral)	Branco	De color
Comissários	1	X
Serenos	15	X
Ocupações registradas no Quarto Distrito (Factoria)	Branco	De color
Comissário	1	X
Celadores	9	X
Empregado da Secretaria de Polícia	1	X
Serenos	9	X
Sub-comissários	1	X
Salvaguardias	10	X
Ocupações registradas no Quinto Distrito (Horcon)	Branco	De color
Comissários de Polícia	1	X
Celadores	8	X
Sub-comissário de Polícia	1	X
Ocupações registradas no Sexto Distrito (Cementerio)	Branco	De color
Empregados de Polícia	4	X

Fonte: PEZUELA, 1863, pp. 350-372.

O temor que a administração colonial e os/as senhores de escravos/as nutria pelos/as *de cor* seguiu se ampliando, em especial, em meio às guerras por independência e abolição da escravidão, quando as alianças estabelecidas entre brancos e não-brancos na luta contra a Coroa espanhola se ampliavam e aprofundavam. A própria composição do Exército Libertador – multirracial – e o recrutamento de escravizados para a luta abolicionista e anticolonial atemorizava os/as que queriam manter as hierarquias de raça e classe do sistema colonial (MATA, 2015).

Ascensão demográfica – Para além da associação entre os *de cor* e lideranças brancas, independentistas e abolicionistas, – a ascensão demográfica dos homens e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mulheres negros/as e mestiços/as, que integravam grande parte da engrenagem social de Cuba também gerou temor; escravizados/as, livres e libertos estavam por toda parte em Havana; quem circulava pelas ruas da cidade, majoritariamente, eram os/as *de cor*; a ostensiva presença deles/as impressionava quem estava na jurisdição (HAZARD, 1928 p. 67). Na década de 60 do *Oitocentos*, às vésperas da primeira guerra, o norte-americano Samuel Hazard, que residiu em Havana por alguns anos destacou que a população total de Havana, “[...] segundo as melhores autoridades na matéria, é de cento e noventa e sete mil habitantes, uma boa parte dos quais são negros e mulatos livres” (HAZARD, 1928, p. 85).¹¹

Nesse cenário a presença das mulheres de cor, em especial, se destacava; de dia, independente do cenário, era a presença de negras e mestiças que impactava. Na década de 1860, Hazard, indicava que o viajante que visitasse a capital da colônia circulando hora atrás hora da manhã raramente encontraria uma mulher a pé, a não ser as negras (HAZARD, 1928 p. 67). Estatísticas oficiais endossam essa máxima elaborada pelo contemporâneo. Dados do *Diccionario Geografico, Estadistico, Historico, de la isla de CUBA*, publicado em 1863, reiteram este cenário de afluxo das mulheres de cor pelas ruas de Havana; de acordo com censos contidos neste documento, mais de 25 mil mulheres brancas estavam dedicadas aos afazeres da casa; mulheres de cor livres, encerradas em atividades dentro de residências, chegavam a pouco mais de 3 mil (PEZUELA, 1863, p 350-372).

Em meados do século XIX, essas mulheres representavam 38% da população, 57% dos habitantes livres da jurisdição Ocidental (COWLING, 2018, p. 69). Ao analisar dados estatísticos do censo de 1846 e 1862, Rebecca J. Scott concluiu que a população negra livre do Departamento Oriental tinha “um caráter rural bem definido”; no Departamento Ocidental, todavia, 65% da população negra livre era urbana; ou seja, a maioria dos homens e mulheres negros/os livres viviam nas vilas e cidades (SCOTT, 1991, p. 27).

Em 1877, Cuba tinha cerca de 1.500.000 habitantes; entre os quais, mais de 900 mil espanhóis, cerca de 9 mil estrangeiros, mais de 40 mil asiáticos e pelo menos 480 mil indivíduos de cor; Havana concentrava cerca de 28% da população total de Cuba e era a

¹¹ HAZARD, 1928, p. 85.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

província mais populosa da ilha.¹² A presença ostensiva dessa população *de cor* na segunda metade do século XIX estava atrelada ao tráfico de escravizados/as que seguiu crescente em Cuba até a década de 1860 (OROVIO, 2009; SCOTT, 1991; SANTOS, 2012).

O *ayuntamiento* de *La Habana*, que pertencia à província de *La Habana* reunia, em 1877, pouco mais de 198 mil habitantes; dos quais cerca de 18 mil homens de cor e 28 mil mulheres de cor.¹³ A província inteira, que incluía 12 *Partidos Judiciales* – Bejucal, Guanabacoa, Guínes, La Habana (dividida em 7), Jaruco, San Antón de los Baños – tinha mais de 435 mil habitantes.¹⁴ Neste ano, as mulheres de cor livres seguiam sendo maioria e somavam mais de 39 mil; homens *de cor* livres, por sua vez, somavam pouco mais de 30 mil. Em se tratando da população escravizada, homens somavam mais de 20 mil; mulheres cativas, mais de 18 mil. Coartados somavam 1 134; coartadas, 1 568.¹⁵

Estes e outros dados indicam que, quando a primeira guerra de independência de Cuba estalou, as mulheres *de cor* já eram a maioria da força de trabalho das ruas das cidades e vilas, em se tratando da venda de mercadorias e serviços; essas mulheres seguiram sendo maioria, por isso, certamente foram alvo reiterado de vigilância em Havana, já que ocupavam ostensivos postos de trabalho (HAZARD, 1928; CASTILLO e TERRY, 2011; MATA, 2015, p. 23-25; LANIER e CASTILLO, 2016).

Clivagens de gênero – Os dados do *Diccionario Geografico, Estadístico, Histórico, de la isla de CUBA*, elaborado no início da segunda metade do oitocentos também contribui para que possamos compreender que, além de uma hierarquização racial e de classe, as atividades laborais também apresentavam clivagens de gênero.¹⁶ Das

¹² MATA, 2015, p. 27, 36 e 255; CUBA, p. 228, 231, Volume 1, Tomo I.

¹³ *Ayuntamiento*: Instância política que dirigia e administrava uma cidade; no caso da capital da colônia, Havana, estava sob a presidência do Capitán General, que elegia os alcaides, o Síndico Procurador General, capitulares e vereadores que governavam o município. VALLE, 1952.

¹⁴ Ver CUBA, p. 142, Volume 2, Tomo I.

¹⁵ “De acordo com a lei espanhola, um escravo que oferecesse uma quantia substancial como pagamento inicial sobre seu preço de compra – tornando-se desse modo um coartado – obtinha alguns privilégios. Não podia ser vendido por um preço maior que o valor estimado na época da *coartación* e tinha direito a uma parte dos rendimentos se fosse alugado. Em teoria, a *coartación* proporcionava um meio para a autoemancipação e criava uma categoria intermediária entre escravo e livre”. SCOTT, 1991, p. 31. Censo da população de Havana realizado em 1877; baseado numa divisão territorial que incluía cidades, vilas e povoados. CUBA. *Los censos de población y viendas en Cuba: estimaciones, empadronamientos y censos de población de la época colonial y la primera intervención norteamericana*, p. 132, Volume 2, Tomo I, Comité Estatal de estadísticas - Instituto de Investigaciones Estadísticas.

¹⁶ Pezuela, *Diccionario Geografico*, pp. 350-371, Tomo III.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mais de cem atividades detalhadas neste documento, referentes à jurisdição de Havana, as mulheres de cor exerciam somente doze: costureiras, lavadeiras, tecelãs, professoras, parteiras, dedicadas aos afazeres do lar, modistas, preceptoras, cozinheiras, doceiras, proprietárias e serventes. Este dado indica que as mulheres estavam muito mais cerceadas na chance de conseguir ocupações remuneradas do que os homens, mesmo os de cor. A historiadora Oilda Hevia Lanier (2016, p.17) chegou à mesma conclusão; para a pesquisadora, fossem livres ou libertas, para as mulheres, havia “escassos ofícios permitidos [...] [e estes], em geral, eram os mesmos para ambas”.

A ausência de mulheres brancas ou *de cor*, nos quadros da Polícia de Havana, também endossam a constatação da interdição imposta às mulheres no mercado de trabalho colonial; reiteram a presença de hierarquias de gênero, que vetavam à elas, o acesso à postos de trabalho considerados de exclusividade dos homens.¹⁷

Para o historiador Alejandro de la Fuente (2009, p. 140) a “cultura de escravização continha importantes distinções de gênero”; as atividades laborais estavam associadas a escravos de um ou outro sexo. O trabalho na construção, por exemplo, nos quais foram empregados milhões de cativos, era executado exclusivamente por homens; em se tratando dos contratos para formação de artesãos, os aprendizes eram invariavelmente homens. As mulheres, por sua vez, controlavam as atividades do setor terciário; ocupações tidas pelas autoridades, como “intrinsecamente femininas”. Dessas mulheres se exigia um comportamento condizente a escrúpulos religiosos e morais; aos homens as atividades atribuídas pelas autoridades coloniais eram justificadas com o intuito de impedir furtos, fugas e levantamentos (FUENTE, 2009, p. 140).

O trabalho na área educacional executado por mulheres nos ajuda a entender o enquadramento de atividades laborais por gênero; às mulheres de cor que se ocupavam de educar crianças de até 6 ou 7 anos de idade, até 1844, não era exigida titulação, ou seja, formação acadêmica ou profissional, mas sim, antecedentes morais, decoro e higiene, fato que indica como esta categoria de trabalhadoras estava submetida a juízos de valor comportamental, de caráter, muito mais subjetivos que objetivos, estes sim,

¹⁷ Para compreender melhor como essa hierarquia de gênero operava e sua amplitude no mercado de trabalho urbano de Havana ler: CEDRAZ, 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

atrelados às qualificações técnicas e teóricas necessárias para execução de funções no mercado de trabalho (ZEQUEIRA, 2015, p.156-157).

Em verdade, às mulheres eram cerceados meios de se emanciparem; os artifícios para isso envolviam, além de aspectos subjetivos de gênero, aspectos de hierarquia racial; entre a década de 1850 e 1860, quando a primeira Escuela de Tipógrafas foi inaugurada em Havana, para garotas entre 8 e 15 anos de idade, havia um pré-requisito: que fossem brancas (MATA, 2016, p. 107). Outro dado evidencia como o mundo do trabalho colonial era perverso com as mulheres, em especial, as negras. Das três atividades de maior prestígio e remuneração elencados no censo, as mulheres inexistiam; não havia advogadas ou mulheres escreventes no registro do censo e, entre as 116 mulheres identificadas como proprietárias, nenhuma delas era uma negra livre.¹⁸

Em se tratando de remuneração e prestígio, a maioria das trabalhadoras de cor, à semelhança de seus pares, homens negros livres, exerciam atividades com menores soldos e respeitabilidade social; com menores exigências dos níveis de escolaridade e maior esforço físico. Das lavadeiras de Havana registradas no *Diccionario Geografico, Estadístico, Histórico, de la isla de CUBA*, conforme indicado anteriormente, 983 eram brancas; negras e mestiças somavam pelo menos 3 549 mil. Dedicando-se ao ofício de cozinheiras, 408 eram mulheres de cor; brancas não passavam de 72.¹⁹

Até a primeira metade do Oitocentos, em se tratando das mulheres de cor que trabalhavam como professoras, o soldo era baixo; variava entre um real por semana pelo ensino de doutrina [cristã], leitura e escrita; incluir o ensino de costura ampliava o valor em dois reais. Também se pagava dois reais semanais pelo aprendizado da escrita e quatro reais semanais para aprender a cozinhar (MATA, 2016, p.99). Cabe detalhar que algumas mulheres de cor professoras, sequer recebiam algum soldo; isto é, algumas trabalhavam quase gratuitamente e, acerca das dificuldades econômicas a que estavam submetidas ao atuar como professoras e sendo mulheres, a parda livre Juana Pastor asseverou: “[...] meu sexo não me permite adquirir com meu pessoal trabalho o necessário”. Para o historiador Pedro Deschamps Chapeaux, “[...] inegavelmente, o setor de menores possibilidades

¹⁸ Pezuela, *Diccionario Geografico*, pp. 350-371, Tomo III.

¹⁹ *Ibid.*

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

econômicas para o negro ou mulato, livres, era o do ensino” (CHAPEAUX, 1971, p. 121, 129; MATA, 2016, p. 99).

Entre as décadas de quarenta e cinquenta do oitocentos, as parteiras, por sua vez, ganhavam 4 pesos por turno diurno (manhã ou tarde) e 8 pesos pelo turno noturno, nos partos que fossem até o amanhecer. Também ganhavam 4 pesos ao dia para cuidar do umbigo dos recém-nascidos (CHAPEAUX, 1971, p.175; RODRIGUEZ *apud* ZEQUEIRA, 2015, p. 190).

As informações ora apresentadas nos levam a perceber que a hierarquia racial e de gênero da sociedade colonial se refletia no setor econômico, no mercado de trabalho. Dito de outra maneira percebemos que às mulheres, em especial as de cor, a sociedade colonial reservava papéis determinados – ainda que eles fossem por vezes subvertidos – em geral, de pouco ou nenhum prestígio, cuja renda era baixa.

Os dados do *Diccionario Geografico, Estadistico, Historico, de la isla de CUBA, 1863*, apesar de detalhados, todavia, são inconclusivos se tomarmos o amplo mercado de trabalho de Havana como parâmetro, visto que não incluem outra dezena de atividades exercidas por homens e mulheres e excetuam os/as escravizados/as – estes/as trabalhadores/as exerciam outras atividades que escaparam a este registro.²⁰

Além das doze atividades que constam do *Diccionario*, as mulheres de cor, escravizadas, libertas e livres se ocupavam como lavadeiras, passadeiras, costureiras, cozinheiras, prostitutas, enfermeiras, comerciantes, senhoras de escravos e amas de leite; os homens, por sua vez, trabalhavam como condutores de uma variedade de veículos de passageiros e de cargas, carpinteiros, pintores, cozinheiros, peões, aguadeiros, sapateiros, pedreiros, estivadores, dentre outras atividades (LANIER, 2016, p. 21-22; FUERTES, 2008, p. 339-361). É possível, portanto, que a administração colonial não desse conta de registrar todas as atividades laborais desempenhadas por esses/as homens e mulheres. Dados dos censos elaborados em 1842 e 1862, reunidos pela historiadora Oilda Hevia Lanier, reiteram essa dificuldade. Das doze ocupações presentes no *Diccionario*

²⁰ Pezuela, *Diccionario Geografico*, Tomo I e III.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Geografico, Estadistico, Historico, de la isla de CUBA, 1863, não consta nenhuma mulher de cor vendedora; no censo de 1846, haviam 106 (LANIER, 2016, p. 17).²¹

Quadro 3 - Ocupações das mulheres livres de cor.

Principais Ocupações	1846	1862
Dedicadas aos afazeres domésticos	5 196	11 656
Professoras	1	4
Vendedoras	106	X
Tecelãs de chapéu	8	143
Parteiras	4	7
Lavadeiras	3 081	3 146
Amas	11	X
Doceiras	17	X
Cozinheiras	269	X
Costureiras	3 044	3 000
Modistas	X	28

Fonte: Lanier, *Historias Ocultas*, p. 17.

Outras fontes, em especial da *Hacienda* cubana indicam que, vendedoras, locatárias, comerciantes, prostitutas, enfermeiras, aguadeiras, apesar de ausentes dos censos do governo, tinham importância na dinâmica do espaço urbano e socioeconômico cubano (CEDRAZ, 2019).

Anúncios de jornais publicados entre 1791 e 1815, por sua vez, indicam que escravizadas também exerciam as atividades de lavadeiras, cozinheiras, costureiras, enfermeiras, doceiras, vendedoras, jornaleiras, cuidadoras de crianças e serviços domésticos. Já os escravizados trabalhavam como jornaleiros, ferreiros, vendedores,

²¹ Pezuela, *Diccionario Geografico*, pp. 350-371, Tomo III.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sapateiros, alfaiates, *caleseros* (condutores de carruagens), cozinheiros, tabaqueiros, padeiros, alambiqueiros, cabeleireiros, carpinteiros, barbeiros, dentre outras atividades (SANTOS, 2012, p.164-165). Relacionar estes dados aos dados do *Diccionario* elaborado por Don Jacobo de la Pezuela expõe que, numa sociedade racializada, sair do cativo não significava se afastar da órbita escravista; mesmo estando livre as atividades laborais exercidas pelos de cor não seriam, necessariamente, menos árduas e/ou melhor remuneradas. Por fim cabe indicar que, à semelhança do que ocorreu com os dados relativos aos/às livres de cor do *Diccionario* elaborado em 1863, nos anúncios relativos a escravizados/as, 24 atividades estavam destinadas a homens e apenas 9, às mulheres, refletindo as menores possibilidades de acesso a atividades laborais para elas. (SANTOS, 2012, p.164-165).

Estes dados expõem que, em verdade, ainda que a historiografia venha identificando que, em Cuba, homens e mulheres brancos/as e não brancos/as trabalharam de modo associado, executando atividades laborais iguais, em parceria, sob determinadas circunstâncias, essa associação não significou equivalência; as hierarquias de raça, classe e gênero se fizeram presentes, expondo as clivagens impostas pela sociedade colonial (SCOTT, 1991; CHAPEAUX, 1971; CHAPEAUX e RIVA, 1974; FRAGINALS, 2014).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIAS

Aisnara Perera Díaz e María de los Ángeles Meriño Fuentes, *Esclavitud, Familia y Parroquia en Cuba: Otra mirada desde la microhistoria*, Santiago de Cuba: Instituto Cubano del Libro, Editorial Oriente, 2006, p. 191.

Alejandro de la Fuente, “Esclavitud, 1510-1886” in Consuelo Naranjo Orovio (Org.), *Historia de Cuba*, Madrid, 2009.

Consuelo Naranjo Orovio, “Evolución de la población desde 1760 a la actualidad”, in Consuelo Naranjo Orovio (Org.), *Historia de Cuba*, Madrid, 2009.

Digna Castañeda Fuertes, “La mujer negra esclava en el siglo XIX cubano: su papel en la economía”, *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, vol. VIII, nº 16, 339-361, 2008.

Georgia Dominique Vanessa Cedraz Lopes, “‘Trabalhando por conta própria’: mulheres de cor e trabalho urbano na Havana entreguerras (1868-1880)” (Dissertação de mestrado), Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2019.

Gloria García, *Conspiraciones y revueltas: La actividad política de los negros en Cuba (1790-1845)*, Santiago de Cuba: Instituto Cubano del Libro - Editorial Oriente, 2003.

Iacy Maia Mata, *Conspirações da raça de cor: Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*, Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.

Jacobo de la Pezuela, *Diccionario Geografico, Estadístico, Historico, de la isla de CUBA*. Madrid: Imprenta del Establecimiento de Mellado, 1863, Tomo I e III. Disponível na Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000041269&page=1>. Acesso em: 24 mar. 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Oilda Hevia Lanier, “Reconstruyendo la historia de la exesclava Belén Álvarez”, in Daisy Rubiera Castillo e Inés María Martiatu Terry (org.). *Afrocubanas: historia, pensamiento y prácticas culturales*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011.

Oilda Hevia Lanier, “Historias ocultas: Mujeres dueñas de esclavos en la Habana colonial (1800-1860)”, in Oilda Hevia Lanier e Daisy Rubiera Castillo, *Emergindo del silencio: Mujeres negras en la Historia de Cuba*. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 2016.

Manuel Moreno Fraginals. “El Ingenio: Complejo económico-social cubano del azúcar”, La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2014, Tomo 2 e 3.

María del Carmen Barcia Zequeira, *Oficios de mujer – Parteras, nodrizas y “amigas”: Servicios públicos en espacios privados (Siglo XVII-siglo XIX)*, Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2015.

Pedro Deschamps Chapeaux, *El negro en la economía habanera del siglo XIX*, La Habana: Unión de Escritores y Artistas de Cuba, Primera Edición, 1971.

Pedro Deschamps Chapeaux e Juan Perez de la Riva, *Contribucion a la História a la gente sin história*, Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1974.

Raquel Vinat Mata, “Colores y dolores de la educacion femenina en Cuba (siglo XIX)” in Oilda Hevia Lanier e Daisy Rubiera Castillo (orgs.), *Emergiendo del Silencio: Mujeres negras en la Historia de Cuba*, La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2016.

Rebecca J. Scott, *Emancipação escrava em Cuba. A transição para o trabalho livre, 1860-1899*, Campinas/Rio de Janeiro: Editora da Unicamp/Paz e Terra, 1991.

Samuel. Hazard, *Cuba, a pluma y lapiz*. Habana: Cultural S.A., 1928, Tomo I, p. 84 e 85. Disponível em: <<https://archive.org/details/CubaAPlumaYLapizT1/page/n29> > acessado em 04/04/2019 às 22:00.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ynaê Lopes dos Santos, “Irmãos do Atlântico: escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e Havana (1763-1844)”, (Tese de Doutorado), São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2012.

Walter Goodman, Un artista en Cuba, Havana: Consejo Nacional de Cultura/Empresa Consolidada de Artes Gráficas, 1965.